

Por Dr. Lauro Arruda – Cardiologista

Sérgio Ferreira: do veneno da jararaca ao captopril

SÉRGIO Henrique FERREIRA nasceu em Franca, SP, dia 04 de outubro de 1934, filho de mãe farmacêutica. Seu padrasto, médico, também atuava como jornalista. Com a família, deixou Franca quando tinha quatro anos, mudando-se para a capital do estado. Em São Paulo fez o curso primário no Grupo Escolar Rodrigues Alves e o ginásio no Colégio Dom Pedro. Sua maior motivação para ser médico foi quando certo dia, encontrou um amigo pedante, estudante de medicina. *‘Eu disse a ele que seria médico, e ele, sorriso cínico, disse: ‘Você? Jamais!’* Essa provocação o direcionou ao desafio para a carreira que o faria uma personalidade internacionalmente conhecida.

Ainda estudante, trabalhou como cuidador de pacientes no Hospital Psiquiátrico de Mandaqui. Essa experiência pouco agradável com pacientes o fez direcionar sua atuação para as pesquisas. Em um congresso da UEE (União Estadual de Estudantes), conheceu a estudante de Psicologia da PUC de São Paulo Clotilde Rossetti, com quem veio a se casar em 1961. Clotilde era professora de filosofia do Colégio Sion e orientadora pedagógica no Colégio Oswaldo Cruz, em São Paulo.

Concluiu o curso na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo em 1960, aos 26 anos de idade. Logo iniciou doutorado em farmacologia na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, sob orientação do pesquisador Maurício Rocha e Silva (1910-1983), descobridor da **bradicinina** em 1948. Em 1963, Sérgio Ferreira publicou estudo sobre substância que identificou como Fator Potencializador da Bradicininina, BPF (*bradykinin potentiating factor*) presente no veneno da cobra jararaca (*Bothrops jararaca*). Descobriu que o BPF inibia a conversão da Angiotensina I para Angiotensina II. A aplicação mais imediata foi a produção de um medicamento de uso oral para hipertensão arterial pelo laboratório Squibb, o **CAPTOPRIL**, e um novo grupo de medicamentos: os inibidores da enzima de conversão da angiotensina (IECA).

Sem atuar diretamente em organizações políticas, tinha atuação em debates universitários e movimentos sociais contrários ao governo militar iniciado em 1964, inclusive acolhendo em casa de familiares colegas perseguidos. A situação política no país motivou um “exílio voluntário” em Londres. Tempos difíceis: licenciados dos empregos na USP, com dois filhos pequenos (Fernando com três anos e Marcos com poucos meses) e Clotilde grávida de Beatriz, cursando doutorado em Psicologia da Educação e do Desenvolvimento Humano na Universidade de Londres. Ele foi fazer seu pós-doutorado no *Royal College of Surgeons*, com o pesquisador John Robert Vane (1927-2004), que se tornaria Prêmio Nobel de Medicina de 1982, por seus estudos sobre a inibição das prostaglandinas por analgésicos como a aspirina. Tornaram-se muito próximos, e escreveram obras reconhecidas internacionalmente como referenciais, sobre inflamação (*INFLAMMATION* -1978 e *ANTI-INFLAMMATORY DRUGS*- 1979, pela editora alemã Springer).

Os Ferreira voltaram ao Brasil em 1967, quando julgaram estar o cenário político mais tranquilo. Sérgio conseguiu retomar suas atividades na USP de Ribeirão Preto, mas Clotilde não teve sua licença renovada pela universidade. Com decreto do Ato Institucional Nº 5 (AI 5) em 13 de dezembro de 1968 e o endurecimento do regime militar, voltaram para um segundo exílio “voluntário” na Inglaterra. Entre 1971 e 1975, Sérgio Ferreira voltou a pesquisar com John Vane e trabalhou como diretor de pesquisa do laboratório farmacêutico Wellcome. Sociedades médicas de vários países colocaram Sérgio como um dos pesquisadores mais produtivos e atuantes do mundo. Voltou definitivamente ao Brasil em 1975, pois sentia

necessidade que os filhos adolescentes convivessem com demais familiares e amigos de São Paulo. Reempregou-se na USP de Ribeirão Preto e lá trabalhou até à aposentadoria, em 1978, permanecendo como orientador de pesquisas até afastar-se definitivamente em função da idade.

Em 1981, foi co-fundador do periódico *“Brazilian Journal of Medical and Biological Research”* que se tornou uma das primeiras revistas acadêmicas brasileiras indexadas pelo ISI (Instituto de Informação Científica)

Recebeu a Ordem Nacional do Mérito Científico do Brasil, foi professor emérito da USP, membro da Academia Brasileira de Ciências desde 1984, da Fundação Nacional da Ciência dos Estados Unidos, e presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência entre 1995 e 1999, centrado na melhoria da qualidade da produção científica brasileira e pela integração da pesquisa e da indústria, recebeu da entidade o título de presidente de honra.

Dois prêmios foram criados para homenageá-lo: o ‘Ferreira Award’, pela Sociedade Norueguesa de Hipertensão; e o ‘Prêmio Ciba de Hipertensão’, pela Associação Americana do Coração. ***“Sinto-me contente em ter prêmios com meu nome porque isto dá visibilidade à universidade, mas não me empolga. Quem me empolga, mesmo, é minha mulher”***. Em 1990, foi premiado pela Sociedade Interamericana de Farmacologia Clínica e Terapêutica.

Morreu em Ribeirão Preto dia 17 de julho de 2016, aos 81 anos, de insuficiência respiratória.